



Ruth Amossy

*Apoloogia da polêmica*

Contexto

São Paulo, 2017

224 páginas

Resenhado por



Érika de Moraes

- Pós-doutorado pela Université Paris-Sorbonne (Paris IV), sob supervisão do Prof. Dr. Dominique Maingueneau (2017)
- Doutora e mestre em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp), com ênfase em Análise do Discurso de linha francesa
- Docente vinculada ao Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Bauru
- E-mail: erika.moraes@faac.unesp.br



## Polêmica para a paz

### Controversy for peace

### Polémica para la paz

A autora é professora emérita da Universidade de Tel Aviv, diretora do grupo de pesquisa em análise do discurso, argumentação e retórica ligado à mesma Universidade e editora da revista digital *Argumentation et Analyse du Discours*. Ela é conhecida no Brasil como palestrante e organizadora da obra *Imagens de Si no Discurso*.

A correlação proposta nesta resenha considera a pertinência e complexidade da discussão sobre a paz para a sociedade atual, bem como o caráter multidisciplinar dos chamados estudos para a paz (*peace studies*). Assim como a paz e a violência, as chamadas polêmicas são elementos constitutivos da sociedade em que vivemos e, em geral, estão no centro de trocas verbais conflituosas que incitam extremismos. É nesse sentido que a obra de Ruth Amossy, *Apologia da Polêmica* (2017), pode iluminar a contribuição de uma conceituação argumentativa da polêmica, entendida, em última instância, numa leitura de certo modo transgressora ao senso corrente, como mantenedora de um estado de “paz possível” no Estado democrático de direito.

É, aliás, com base nesse viés, que se pode compreender o título da obra. Por que falar em apologia da polêmica? Certamente, não se trata de instigar relações de tensão sem que se possa enxergar a possibilidade de algum “ganho social”. Ao considerar necessário compreender tanto o funcionamento quanto as funções da polêmica, Amossy remete, sem assim o mencionar diretamente, a um modo de dizer sobre a possibilidade da paz na sociedade democrática. Cabe a nós, leitores, construir a relação que permite a contribuição de sua teorização para o campo dos *peace studies*.

A autora concebe a polêmica como inerente à *esfera democrática* e observa que, além de investigar a especificidade de seu *funcionamento*, é também natural supor, em se tratando de fenômeno recorrente, que ela preencha certas funções sociais. Amossy propõe uma análise minuciosa das modalidades discursivas e argumentativas da polêmica em exercício, prestando especial atenção ao texto midiático, ou seja, ao modo como ela se manifesta nos discursos que as mídias fazem circular e, na conjuntura atual, que são reproduzidos e comentados por usuários da rede mundial de computadores.

A fim de adentrar na problemática da polêmica, a autora recorre à contraposição de fontes como dicionários, discursos correntes e conceituações científicas para mostrar que a palavra sofre a influência de concepções diversas que a fazem deslizar facilmente de sentido (e desliza na própria obra). Debate, conflito, controvérsia e excessos são efeitos de sentido que contornam e afetam uma visão geral do que seja polêmica. É necessário, portanto, recorrer a um cruzamento de todas essas concepções para apreender a polêmica como categoria.

Ao explorar a polêmica como um fenômeno sociodiscursivo em sua materialidade e complexidade, estudos conduzidos por Amossy levaram à conclusão de que “a polêmica preenche funções sociais importantes, precisamente em razão do que é



em geral criticado nela: o fato de ser uma gestão verbal do conflito realizada sob o modo da dissensão" (p. 12). Essa função ligada à gestão de conflito estaria diretamente relacionada ao funcionamento das sociedades democráticas pluralistas, já que, diferentemente do que em princípio poderia parecer natural, o acordo estaria longe de ser sempre possível nessas sociedades. Ao contrário, "é, indubitavelmente, o conflito de opiniões que predomina no espaço democrático contemporâneo, o qual respeita a diversidade e a liberdade de pensamento e de expressão" (p. 13). Assim, na impossibilidade de um acordo de opiniões, o caráter contraditório e conflituoso da polêmica cumpriria a *função* de permitir "que os participantes dividam o mesmo espaço sem recorrer à violência física" (p. 13).

No entendimento da autora, a polêmica é uma modalidade argumentativa, mas de estatuto diferente da retórica proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca<sup>1</sup>, a qual buscaria a adesão dos espíritos. Como interação verbal, ela surge como modo particular de articulação do conflito e não deve ser confundida com uma "fala selvagem", já que "toma corpo num espaço democrático que a autoriza e a regula ao mesmo tempo" (p. 65). A dimensão proposta por Amossy implica que não é, na maioria das vezes, possível chegar ao acordo, tendo a polêmica a função importante de gerir a troca verbal pautada na dissensão, dimensão "relacionada a uma discordância, como uma profunda, até mesmo violenta, diferença de opiniões" (p. 18).

Situando a polêmica no espaço público, Amossy evoca também a obra de Habermas<sup>2</sup> e a concepção desse espaço como "o da deliberação fundada na busca racional de um acordo concernente aos assuntos da cidade para o bem público" (p. 27), acrescentando aí a nova dimensão da impossibilidade do acordo em boa parte dos casos. Questiona: "Uma sociedade pluralista pode (ou deve) centrar-se no consenso? Não repousa, em vez disso, sobre o *dissenso*, cujas funções seria necessário, portanto, reconhecer?" (p. 29). Aborda, então, a revalorização do dissenso nas ciências sociais, entendendo que a discórdia, a despeito de ter efeitos negativos nas relações interpessoais, é também funcional "nos grupos sociais em que as forças convergentes e divergentes estão sempre em interação, criando uma dinâmica que é fonte de vida" (p. 33).

Retomando outros autores, a exemplo de Mouffe<sup>3</sup> e sua concepção do paradoxo democrático, Amossy demonstra que a pluralidade de opiniões não ameaça a democracia; ao contrário, é uma de suas condições de existência, sendo, por sua vez, a imposição de uma opinião única relacionada a uma ordem autoritária. A autora centra sua proposição na ideia de "fazer justiça à retórica do *dissenso*, isto é, a uma gestão do conflito de opinião sob o modo de dissidência, e não de uma busca de acordo" (p. 41).

Compreendida no âmbito proposto pela autora, a polêmica é "um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura" (p. 49). A fim de analisar a polêmica na materialidade do texto, uma primeira marca a observar é a *oposição de discurso*, categoria fundamental para compreendê-la. A fala polêmica, assim, é construída pela atividade que consiste em exposição de argumentos em favor de sua própria tese, mas não só: também contra a tese adversa que constrói a fala polêmica, explica Amossy.

Ao buscar precisar os traços que dão à polêmica sua especificidade no campo da argumentação, a autora propõe a investigação da sua *ancoragem conflitual*, traduzida pela dicotomização, pela polarização e pela desqualificação do outro. São assim constituídos *campos inimigos* ocupados pelos protagonistas das polêmicas, que representam papéis discursivos. Trata-se de uma *polarização complexa*, já que se juntam em dois grupos antagônicos participantes dos mais diversos. Nessa dimensão, a polarização utiliza *manobras de difamação*, voltadas à desqualificação do adversário. Frequentemente, a desqualificação da tese é acompanhada da desqualificação da pessoa ou grupo que ela representa.

1 PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2013.

2 HABERMAS, Jürgen. *L'espace public: archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise*. Traduit de Marc de Launay. Paris: Payot, 1993. [1962]

3 MOUFFE, Chantal. *The democratic paradox*. London; New York: Verso, 2000.



Os capítulos do livro buscam explorar as modalidades discursivas e argumentativas da polêmica em exercício, propondo prestar uma atenção minuciosa ao corpo do texto, tendo em vista responder às questões propostas como fios condutores da obra (O que é a polêmica? Como ela funciona? Como se manifesta nos discursos que as mídias fazem circular em espaço público e com os quais nos defrontamos diariamente? E o que nos revelam essas manifestações discursivas sobre os objetivos e as questões sociais dos debates polêmicos?). Um exemplo é a discussão sobre a polêmica do uso da burca na França<sup>4</sup>, que pode ser assim (bem) resumida: para uma formação discursiva, o uso da burca “se banaliza” e, assim, constitui um problema para a sociedade francesa, havendo necessidade de lançar medidas legislativas para proibi-la; enquanto a formação discursiva oposta recusa categoricamente a iniciativa de legislar sobre o tema, considerando-o como impertinente ao âmbito do Estado. Esse e outros exemplos são ilustrativos para analisarmos nossas próprias polêmicas na sociedade brasileira.

A autora demonstra que a polêmica, como modalidade argumentativa, é antes de tudo uma arte de refutação. Suas funções são diversificadas: ela não deixa de persuadir, mas é sempre um terceiro que é levado a aderir ao ponto de vista, e não o adversário, já que este não estaria “disposto” a uma mudança de posicionamento. O objetivo da polêmica não é, portanto, convencer o oponente, é antes angariar terceiros, ou seja, em termos discursivos, fortalecer e expandir um campo de posicionamento. Assim, o polemista teria a função de persuadir aqueles que já pensam como ele, o que, ao contrário do que se poderia acreditar, não é uma missão vã, já que

em uma disputa no tocante às questões da sociedade, é preciso sempre reforçar o grupo daqueles que estão em um mesmo campo, impedir que eles não caiam na indiferença e que isso ative sua hostilidade contra a posição combatida e o grupo que a sustenta. (Amossy, 2017, p. 99-100)

No intuito de fortalecer identidades, a polêmica se inscreve no signo da paixão, podendo (mas não necessariamente) vislumbrar a violência, ainda que a autora mova esforços teóricos para diferenciar a polêmica da violência verbal. Por sua vez, a violência verbal sustentar-se-ia no tom, na atitude extradiscursiva – um ponto de reflexão, uma vez que o discurso inflamado daquele que, a priori, não pretende praticar a violência pode incitar a atitude violenta de outrem. Pode-se, então, perguntar: a sociedade está preparada para compreender o potencial positivo da polêmica? A questão atravessa o papel essencial em postular a polêmica (entendida como possibilidade de convivência do contraditório) como fundamentada no plano da argumentação, não no da ação inflamada de fato.

Além das questões de persuasão, o discurso e a interação polêmicos cumpririam outras funções importantes. “Eles denunciam, protestam, chamam à ação e, mais geralmente, mantêm, sob o modo do dissenso, a comunicação em espaço público entre facções cujas visões são, às vezes, tão distantes uma das outras, que qualquer contato parece se tornar impossível” (p. 100). Daí se poder concluir da obra que: a) é necessário considerar a polêmica como categoria argumentativa, não banalizá-la, via senso comum, como algo negativo; b) assim considerada, a existência em si da polêmica é pertinente ao debate sobre a manutenção da paz numa sociedade democrática, uma vez que sua ausência, ao contrário, levaria à recorrência de totalitarismos, estes sim caracterizados como espaços de violência, onde uma só voz seria alçada à verdade, impondo-se somente o mais forte. Apreendida dessa forma – postulada como necessária para a convivência de opiniões, crenças e culturas diversas – a polêmica se revela uma categoria de estudo pertinente para novas investigações sobre a paz, sobre o estatuto da paz que queremos. O livro não é conclusivo, deixa lacunas a serem preenchidas pelo interdiscurso, lacunas essas que podem ser entendidas não como defeito, mas como pontos de abertura para pesquisa.

<sup>4</sup> O caso selecionado para estudo é a polêmica sobre o projeto de lei que visa proibir o uso da burca nos espaços públicos da França (entre junho de 2009 e outubro de 2010). O discurso polêmico é exemplificado por um artigo de opinião publicado no semanário *Marianne*, em junho de 2009. A interação polêmica é explorada em dois exemplos: um debate televisivo e uma interação em fórum de discussão.